



CRIAÇÕES



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia

Iniciativas CRIA



“Guião para um país possível” – Foto de Teresa Pacheco Miranda

A PARTIR DE ENTREVISTAS DE JOANA VIDAL MAIA (CRIA-ISCTE) A SÓNIA FERREIRA (CRIA-NOVA FCSH), JOÃO MINEIRO (CRIA-ISCTE), JOANA MIGUEL ALMEIDA (CRIA-NOVA FCSH) E DANIELA FERREIRA

ABRIL 2024

Entre temporalidades múltiplas, latências revolucionárias e olhares ao invisível, programação comemorativa do CRIA celebra os 50 anos do 25 de abril

**A PARTIR DE ENTREVISTAS DE
JOANA VIDAL MAIA (CRIA-ISCTE) A
SÓNIA FERREIRA (CRIA-NOVA
FCSH), JOÃO MINEIRO (CRIA-
ISCTE), JOANA MIGUEL ALMEIDA
(CRIA-NOVA FCSH) E DANIELA
FERREIRA**

No primeiro museu português aberto numa antiga prisão política, 19 pessoas encontraram-se e espalharam-se pelo espaço para fazer desenhos por observação após uma visita guiada num dia frio de novembro de 2023. A ocasião foi a atividade Revolução, desenho e antropologia – urban sketchers Portugal, organizada por Joana Miguel Almeida, Daniela Ferreira e Sónia Vespeira de Almeida em parceria com o Museu do Aljube – Resistência e Liberdade e o coletivo Urban Sketchers Portugal. Esta iniciativa abriu o ciclo comemorativo dos 50 anos do 25 de abril organizado pelo Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), que segue até outubro de 2024.

No primeiro museu português aberto numa antiga prisão política, 19 pessoas encontraram-se e espalharam-se pelo espaço para fazer desenhos por observação após uma visita guiada num dia frio de novembro de 2023. A ocasião foi a atividade Revolução, desenho e antropologia – urban sketchers Portugal, organizada por Joana Miguel Almeida, Daniela Ferreira e Sónia Vespeira de Almeida em parceria com o Museu do Aljube – Resistência e Liberdade e o coletivo Urban Sketchers Portugal. Esta iniciativa abriu o ciclo comemorativo dos 50 anos do 25 de abril organizado pelo Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), que segue até outubro de 2024. A programação foi montada a partir de uma convocatória que desafiou os investigadores do centro a proporem atividades, organizada por uma comissão formada por

Sónia Vespeira de Almeida, Maria Prista, Inês Lourenço e Eduarda Rovisco.

Cada evento, entretanto, não se esgota em si mesmo: atravessa temporalidades, tal como reflete Sónia Ferreira sobre a importância de celebrar a data: “o comemoracionismo não serve só para pensar o passado, eu até diria que o comemoracionismo serve para pensar o presente”. Ela e o diretor de teatro Ricardo Correia, da associação cultural Casa da Esquina, já tinham organizado uma oficina de escrita para teatro no contexto do projeto Ecos, em meio ao confinamento provocado pela pandemia de coronavírus. Gostaram de trabalhar juntos e ficaram com vontade de fazer mais, ao mesmo tempo em que os participantes também pediam uma continuidade. Ano passado, uniram-se à dramaturga



Residência de escrita presencial em Coimbra, Laboratório de Escrita para Teatro - Foto Amândio Bastos



Foto: Teresa Pacheco Miranda - “Guião para um país possível”

galega Vanessa Sotelo, com financiamento da Casa da Esquina através da DGArtes e parceria com o grupo algarvio Máquina de Cena, e o resultado do processo está nas seis peças que compõem o livro Laboratório de escrita para teatro – Revoluções, cujo lançamento acompanhado de leituras encenadas integra a programação do CRIA de fevereiro a maio de 2024, em diversas cidades. “Assim, entre o gesto criativo e as pistas que a história ou a antropologia nos trazem, procuramos desafiar os autores para reflexões individuais sobre revoluções públicas, mas também íntimas; sobre as vivências em ditaduras e os processos de aceleração histórica; sobre memória, trauma e conflito entre gerações, entre famílias, entre ideologias e entre géneros. Num momento também ele de aceleração e intensificação memorial, provocado pelas comemorações que se avizinham, queríamos trazer vozes que alimentassem revoluções

futuras”, cita Sónia Ferreira, em leitura da apresentação do livro durante nossa conversa.

“O comemoracionismo não serve só para pensar o passado, eu até diria que o comemoracionismo serve para pensar o presente”.

Também por várias cidades em território nacional – a previsão são 17 – e ao longo do ano, está em digressão o espetáculo Guião para um país possível, que já foi assistido por 1700 pessoas. A estreia aconteceu em dezembro de 2023, um ano depois da primeira vez que João Mineiro e a encenadora Sara Barros Leitão entraram juntos na Assembleia da República para dar início à pesquisa que envolveu quase 200 diários de registos do parlamento para

*“Considerar o
cinquentenário do 25
de abril possível de ser
pensado como “uma
liberdade também
pluriversal (...) acho
que faz muito sentido
estar a celebrá-lo com
essas outras formas de
apreender e de desafiar
esta ideia de real e de um
mundo só”.*



Oficina virtual do Laboratório de Escrita para Teatro – Imagem cedida por Sónia Ferreira

contar uma história dos 50 anos da democracia portuguesa. O resultado é um texto teatral construído a partir de enxertos literais dos diários: “não há nenhuma palavra inventada”, enfatiza o investigador, explicando que o espetáculo é um “exercício de imaginação” do cruzamento entre teatro e antropologia, com a proposta de “partir desta problemática sobre o que é a democracia, o que é a política, e como é que ela foi pensada ao longo de 50 anos; e como é que determinados temas entram ali, como é que eles saem, como é que eles são objeto de conflito, como é que há avanços sociais, há recuos (...) Portanto, provocar mais essa interpelação para a política e para o que fazemos dela em conjunto, enquanto sociedade, e menos para contar uma história muito literal do que é que é a democracia”.

No texto *O 25 de abril na antropologia portuguesa* 40 anos depois: trajecto das invisibilidades e visibilidades, Sónia Vespeira de Almeida aponta que a produção disciplinar começou a dar maior atenção ao período revolucionário

nos primeiros anos do século XXI, com investigações sobre temáticas como ruralidade, reforma agrária, festas urbanas, transformações ideológicas e culturais, memórias e agitação cultural. Agora, uma década depois, muitas das atividades comemorativas do CRIA fazem uma ligação entre antropologia e arte: o desenho, a escrita para teatro, o próprio espetáculo teatral, o cinema, as exposições. Isto, considera Daniela Ferreira, relaciona-se às próprias mudanças internas no campo disciplinar e na emergência de questões como a antropologia do sensível e a virada sensorial, sendo o cinquentenário do 25 de abril possível de ser pensado como “uma liberdade também pluriversal (...) acho que faz muito sentido estar a celebrá-lo com essas outras formas de apreender e de desafiar esta ideia de real e de um mundo só”. Lado a lado a esta reflexão está o debate sobre memória, conforme aponta João Mineiro: para ele, o interessante é “trazer uma reflexão que não parta do 25 de abril como uma espécie de objeto museológico que está ali para ser observado”, que une a sociedade



Revolução, desenho e liberdade - Imagem - site CRIA

portuguesa como “um patrimônio mais ou menos despolitizado”, mas considerar que “o 25 de abril e a revolução são processos de conflito de ideias, de disputa cultural, social. Portanto, recuperar esse legado do 25 de abril enquanto uma política que não se propõe, digamos, à gestão só quotidiana, mas que é atual no sentido em que muitas das questões que se colocavam nos anos 1970 são questões que se colocam hoje: a habitação, a saúde, a educação, a paz. É uma agenda presente. Portanto, trazer comemorações que reflitam os desafios do presente é um contributo que eu acho que o CRIA pode dar de uma forma muito interessante”.

A ideia do “trajecto das invisibilidades e visibilidades”, entretanto, pode ser um outro fio pelo qual se guiam estas atividades

que aconteceram até março. Quando relata o planeamento da atividade com o Urban Sketchers Portugal, Joana Miguel Almeida explica que a proposta era alargar o momento para um público não-acadêmico, mas também, referenciando-se na investigadora Aina Azevedo, de “investimento na observação”. Assim, desenvolve-se a parceria com o coletivo artístico fundado, entre outros, pelo português Eduardo Salavisa, e cujo manifesto¹, Joana cita, é formado por itens como “os nossos desenhos contam a história do que nos rodeia, os lugares onde vivemos e por onde onde viajamos”; “os nossos registos são um registo do tempo e do lugar”; e “mostramos o mundo, um desenho de cada vez”.

Neste sentido, Daniela Ferreira reflete sobre uma ligação entre o desenho, o museu e a antropologia:

¹ <https://urbansketchers-portugal.blogspot.com/p/manifesto-dos-urban-sketchers.html>

“O interessante é trazer uma reflexão que não parta do 25 de abril como uma espécie de objeto museológico que está ali para ser observado, que une a sociedade portuguesa como um património mais ou menos despolitizado, mas considerar que o 25 de abril e a revolução são processos de conflito de ideias, de disputa cultural, social.”

“quando nós começamos a montar esta atividade, nós pensamos também nessa ideia dos regimes de visualidade que são muito semelhantes, se quiseses por, aos regimes de memória, que é o visível e o invisível, o lembrado e o não lembrado. E o trabalho do Museu [do Aljube] já tá nestas dicotomias, não é? De transformar em visível o que não foi; contar as histórias que não foram lembradas (...). E o desenho, a utilização do desenho, tanto como outras formas de registo em antropologia visual, também trabalha sobre isso, sobre o que é que é visível, o que é que é tornado visível, o que é que é invisibilizado, e como é que mostras cada uma destas camadas. Então, este paralelismo foi assim... não tem erro, né? Foi uma das coisas que nos estimulou mais a fazer isto desde o início”.

De forma distinta, este fio é o ponto de partida da narrativa do Guião para um país possível: João Mineiro explica que os registos consultados são o produto do trabalho de duas pessoas, normalmente mulheres, que todos os dias estão sentadas a uma mesa no centro do parlamento fazendo a transcrição de tudo o que acontece naquele espaço e “nunca ninguém se apercebe muito da sua presença”. Para ele, “o espetáculo também é uma homenagem a essas pessoas, que no fundo, contribuem para que a sociedade – às vezes muito presentista, não é? E que tem hoje em dia muita dificuldade de trabalhar com a memória, porque é tudo rápido, tudo numa aceleração de imagens, etc. Estas pessoas estão a garantir que daqui a 10, 20, 30, 100 anos vamos continuar a poder lembrar do que é que vivemos em conjunto”. E, seguindo este caminho,

as visibilidades e invisibilidades chegam às temáticas abordadas nas seis peças construídas e organizadas no Laboratório de escrita para teatro – Revoluções, direcionando olhares e sensibilidades para revoluções múltiplas: uma sátira sobre o Estado Novo; o assédio no mundo laboral; a relação entre ruralidade e urbanidade; traumas psicológicos e saúde mental; angústias perante as mudanças do mundo e a perda de referências do antigamente conhecido; dinâmicas familiares, formas de conjugalidade, afeto e migração – “nós muitas vezes associamos a ideia de revolução a algo mais formal e institucional, visível e público, mas as revoluções, quando acontecem, elas nascem a partir de uma germinação anterior. E quando decorrem, depois, também, dão origem a múltiplas revoluções, a revoluções com pendor mais público e coletivo, mas também a muitas revoluções interiores”, reflete Sónia Ferreira.

Para o mês de abril, a programação de atividades do CRIA prevê, além das agendas já mencionadas, três actividades em Odemira, realizadas em parceria com a Câmara Municipal de Odemira: a exposição Celebrar Abril em Odemira que será inaugurada no dia 13 de Abril; o Colóquio Revolução, Povo e Esperança, organizado por Eduarda Rovisco, com participação de Sónia Vespeira de Almeida, Paula Godinho, Luísa Tiago de Oliveira, Constantino Piçarra, Pedro Prista, António Quaresma e moderação de Catarina Barata; e a apresentação, por Pedro Prista Monteiro, do livro de Eduarda Rovisco intitulado Comemorações do 25 de abril em Odemira (1977-1989). Estes dois últimos eventos terão

lugar na Biblioteca Municipal de Odemira, José Saramago, no dia 19 de abril. Além disto, também acontece este mês, no dia 23, e a conferência A Antropologia e o 25 de abril: ou como caiu o U de ISCSPU, com João Leal, no Colégio Almada Negreiros da Universidade Nova de Lisboa.

As atividades previstas para o restante do ano incluem ainda o Ciclo Cinema no Feminino na Revolução; Outros Hinos: desafios à escuta nos 50 anos do 25 de abril; o Colóquio Revolução, comemoração e memória; a conferência anual GIPPC-CRIA com título As políticas da cultura e a democracia hoje; e o Ciclo de Debates Liberdade Religiosa 50 anos após o 25 de abril de 1974. Toda a programação pode ser consultada na página web do CRIA, na aba Iniciativas, além das divulgações nas redes sociais do centro. A programação completa do ano comemorativo também encontra-se disponível na página institucional.

“Nós muitas vezes associamos a ideia de revolução a algo mais formal e institucional, visível e público, mas as revoluções, quando acontecem, elas nascem a partir de uma germinação anterior. E quando decorrem, depois, também, dão origem a múltiplas revoluções, a revoluções com pendor mais público e coletivo, mas também a muitas revoluções interiores”.

*Este texto foi construído a partir de entrevistas com Sónia Ferreira, João Mineiro, Joana Miguel Almeida e Daniela Ferreira, sendo destas últimas a sugestão de consulta ao texto O 25 de abril na antropologia portuguesa 40 anos depois: trajecto das invisibilidades e visibilidades, de Sónia Vespeira de Almeida, assim como a menção a Eduardo Salavisa, fundador do Urban Sketchers Portugal. Agradeço imensamente a disponibilidade para a conversa de todas as pessoas envolvidas.





CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE CARLOS MOREIRA, DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO, ISABEL MARÇANO, LAURA ALMODOVAR, JOANA MARTINS, JOANA VIDAL MAIA, MAFALDA MELO SOUSA, SÔNIA MOTA RIBEIRO, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.

DESIGN: MARIANA CAMACHO